

# **Trabalhadores da Cultura / Amanda Coutinho. Prefácio de Antonio Albino Canelas Rubim e Ricardo Antunes. – Curitiba: Brazil Publishing, 2020**

Por Antônio Carlos Batista de Souza, Breno Ampáro, Diego Terra, Eduardo Lucas da Silva, Katalina Gutierrez, Luciana Requião, Rafael do Nascimento Silva, Rafael Oliveira, Thiago Gomes e Thiago de Souza Borges.

## Resenha

O livro *Trabalhadores da Cultura* é fruto da pesquisa de doutorado em Ciências Sociais de Amanda Ribeiro Coutinho, realizada na UNICAMP. Publicado em 2020 pela Editoria Brazil Publishing é dividido em seis capítulos: “Artistas independentes: conceitos em discussão”, “Trajetória e formação”, “Retratos do mercado de trabalho artístico”, “Organização do trabalho e modelos de negócios”, “Viver de música” e “Política cultural neoliberal”. A pesquisadora é Mestre em Ciências Jurídicas na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professora em graduação e pós-graduações na área do Direito, da Cultura, da Comunicação e da Administração Pública. Atua como parecerista de projetos culturais em instituições públicas e privadas. Atualmente é pesquisadora no pós-doutorado do Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

A presente obra discute o trabalho no Brasil no campo da cultura, mais especificamente na área musical, e busca desvelar de forma crítica os modos de operação do mercado de trabalho cultural para além do aspecto social, considerando também as dimensões tecnológicas e os processos técnicos que impulsionaram o atual estágio de desenvolvimento das forças sociais de produção, focalizando também as políticas públicas de incentivo à cultura. Nesse sentido, busca “descortinar a composição, a estrutura, a expansão, as tensões, assimetrias, lutas e formas de reconhecimento político-profissional dos trabalhadores da cultura no Brasil, tendo como especificidade a linguagem musical considerada independente” (COUTINHO, 2020, p.13). Assim, a partir da interlocução com agentes desse campo, investiga desde as influências familiares na formação desses profissionais, a construção de sua identidade profissional, até as possibilidades e os mecanismos contextuais presentes no mercado de trabalho, em particular o gerenciamento individual do artista enquanto trabalhador da cultura.

A questão central que orienta o estudo de Coutinho é: “Quais as configurações e especificações que permitem desenhar as genealogias trabalhadoras da cultura, tendo em vista o contexto econômico, político e social no qual é constituído o trabalho artístico hoje?” (p.13). Para isso, entrevista 22 artistas independentes das cidades de Recife e São Paulo, considerando como tal, aquele/a que tem a música como única atividade e a desenvolve de forma autônoma, sem vínculos contratuais.

No primeiro capítulo da obra – *Artistas independentes: conceitos em discussão* – Amanda Coutinho observa os principais aspectos presentes no discurso dos entrevistados na definição do termo “independente”. É possível observar uma tensão entre a ideia de uma suposta liberdade daqueles músicos que não estariam vinculados a uma gravadora, por exemplo, gerindo o processo de trabalho por completo e arcando com custos e riscos, ao lado de uma transformação na organização desses processos de trabalho onde as grandes gravadoras terceirizam grande parte das etapas produtivas, mas monopolizam os meios de circulação da mercadoria musical, o que traria uma “falsa” ideia de independência a esses músicos. Percebe-se que não há uma unanimidade, mas a construção de sentidos atribuídos à prática de acordo com experiências significativas de cada músico. É possível verificar diversos “níveis” de independência presente nas falas, bem como diferentes questões que permeiam a conceituação do termo em questão. Contudo, parece ser unânime a percepção da necessidade de financiamento público para a sustentabilidade de artistas de perfil independente.

No segundo capítulo - *Trajatória e formação* – a autora propõe analisar a trajetória de seus interlocutores de forma interseccional (DAVIS, 2016), considerando relações de classe, raça e gênero. Discute ainda a atividade artística enquanto uma atividade supostamente diferenciada das demais, ligada a noções de genialidade, dom e talento. Coutinho explica: “A questão central que se coloca nesse capítulo é a dos mecanismos que fazem aparecer ou celebrar “talentos” e os modelos de organização de sociedade que daí derivam” (COUTINHO, 2020, p.18). A autora apresenta seus interlocutores como artistas, “15 são homens (dos quais três se declaram pretos) e sete são mulheres (das quais quatro se declaram pretas e três são mães)” (p.61). Importante notar que a autora identifica algumas pessoas como “pretas” e “pretos”, mas não identifica racialmente as demais pessoas, supostamente brancas, uma vez que observa que “em termos de estratificação de classe, a maioria da amostra se declara privilegiada em termos econômicos”.

O terceiro capítulo da obra – *Retratos do mercado de trabalho artístico* – é caracterizado pela busca em “contribuir para uma análise sociológica da arte e da cultura na perspectiva da categoria trabalho” (p.19). Para embasar a análise, Coutinho dialoga com os estudiosos da Indústria Cultural Adorno (2002) e Benjamin (1994), colocando em discussão o mercado de entretenimento global e suas desigualdades regionais. A autora comenta: “A finalidade da reflexão é demonstrar como a sociopolítica da cultura tem sido composta de contradições para o trabalho artístico, tendo em vista as facetas da precarização presentes na inserção das subjetividades artísticas no contexto mercadológico” (COUTINHO, 2020, p.19).

Em *Organização do trabalho e modelos de negócios* –, Coutinho pretende analisar “o desenvolvimento dos sistemas técnicos que propiciam novas vias de acesso à música, ao mesmo tempo em que influenciam as práticas dos atores envolvidos nessa cadeia” (p.19). A discussão gira em torno dos meios de comunicação tradicionais, como o rádio e a TV, e a forma como atuam na estruturação do mercado musical, incluindo estudos da organização do trabalho no mercado da música que são afetados pelas novas tecnologias, extrapolando as particularidades

das formas de distribuição e consumo, exigindo constantes adequações dos modos de se produzir música.

*Viver de música* – é destinado a analisar as formas como músicos encaram os desafios do trabalho artístico e como se percebem nessa conjuntura. São apresentados relatos em que entrevistados e entrevistadas são unânimes em dizer que a sua principal fonte de renda vem das apresentações ao vivo, muito embora admitam, em certas circunstâncias, a necessidade de se fazer shows sem remuneração financeira, o que contribuiria com o propósito de formação de público. O caráter informal das relações de trabalho se reflete nos contratos verbais tratados entre músicos e donos de casas de shows e a grande flexibilidade do valor negociado para cachê, com algumas situações onde o músico pode chegar a pagar para se apresentar. Os relatos atribuem a flexibilidade na remuneração também como reflexo da sazonalidade do trabalho. A autogestão e o empreendedorismo são pontos centrais neste capítulo, principalmente em sua relação com a precarização. Para Coutinho, “a autogestão e o empreendedorismo de si mesmo guardam suas vinculações com as faces da precarização, assim como são parte das contradições do trabalho artístico” (p.20). De acordo com o estudo, a escassez de trabalho leva músicos a se desdobrar em várias funções para conseguirem êxito no mercado artístico: “o artista é empresário, é produtor, é o agente de show, é tudo. Obviamente, que só de falar já cansa. Então fazer cansa muito mais” (p.182). Nota-se uma grande fragilidade destes profissionais, que se dividem entre a “liberdade artística” e a necessidade de regulamentação para a sua atuação, que conceda respaldo mínimo ao exercício das suas atividades e garanta as condições necessárias à manutenção e produção da sua arte, bem como, da própria sobrevivência.

No último capítulo – *Política cultural neoliberal* – Coutinho analisa a trajetória das políticas públicas e seu reflexo nas condições da atividade artística. Em diálogo com Calabre (2009), Chauí (2006), Rubim (2008) e Wu (2006), explica que, como consequência das políticas culturais calcadas no incentivo fiscal, “acentuam-se a centralidade dos interesses empresariais, o crescimento do mercado de projetos, os gestores especializados em editais, a burocracia cultural, o hiato na diversidade cultural e as desigualdades regionais de recursos” (COUTINHO, 2020, p.21). Em suas conclusões, destaca que “é sempre relevante enfatizar que existe ou deveria existir uma diferença elementar entre o Estado e a iniciativa privada, sendo fundante da ação estatal não o lucro, mas a redução e eliminação das desigualdades no acesso e fruição à cultura” (p.241).

Por fim, destacamos que o livro de Amanda Coutinho é uma importante contribuição às pesquisas sobre o trabalho no campo da música no Brasil. Destaca-se ainda que a interlocução de Amanda com outras pesquisas colabora para a construção de um quadro de referências muito significativo para a identificação de processos e relações de trabalho e a peculiar precariedade no campo da música. Este estudo é parte da pesquisa *Arte, educação musical e a formação do pedagogo*, que teve início no ano de 2016, junto ao Grupo de Estudos em Cultura, Trabalho e Educação (*GeCULTE*) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

### **Sobre os/as autores/as**

A resenha foi escrita de forma coletiva a partir das discussões e textos produzidos na disciplina desenvolvida conjuntamente junto ao Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO e ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da UFF no primeiro semestre de 2022.

### **Referências**

- ADORNO, Theodor W. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskiv. In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CALABRE, Lia. Políticas culturais no Brasil: dos anos 1930 ao século XXI. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- CHAUÍ, Marilena. Cidadania cultural: o direito à cultura. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- COUTINHO, Amanda. *Trabalhadores da Cultura*. Curitiba: Brazil Publishing, 2020. Disponível em: <https://aeditora.com.br/produto/trabalhadores-da-cultura/>
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas; BAYARDO, Rubens (Orgs.) *Políticas culturais na ibero-américa*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- WU, Chin-Tao. *Privatização da cultura: A intervenção corporativa nas artes desde os anos 1980*. São Paulo: Boitempo, 2006.